



## MELHORIA DA ABORDAGEM INTERCULTURAL EM CLASSES DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

**Anna Catharina Sampaio Vale<sup>1</sup>**  
Universidade Livre de Berlim, Alemanha

### Resumo

Artigo sobre interculturalidade em aulas de português como língua estrangeira. Aponta a relevância de aplicação do tema para diminuir preconceitos e melhorar o entendimento entre os novos falantes do idioma com base em literatura e observação feita em *workshop* e entrevista com professores de português.

**Palavras-chave:** interculturalidade, idioma, professores de português, lusofonia, cultura.

### Abstract

#### Improving intercultural approach in class of Portuguese as a foreign language

Paper about intercultural approach in classes of Portuguese as a foreign language. Based on literature and practical observance with workshop and interview conducted with Portuguese teachers, points out the relevance of the topic do contribute to minimize prejudice and improve understanding among the new learners.

**Key words:** interculturalism, language, teachers of Portuguese, Lusophone, culture.

### Introdução

O ensino de língua estrangeira possibilita aos alunos não somente conhecimentos acerca do idioma, mas também expansão e entendimento intercultural de forma consciente. O tema interculturalidade em

---

<sup>1</sup> Freie Universität Berlin – Universidade Livre de Berlim, Alemanha. Artigo baseado em dissertação de mestrado: “Melhoria da abordagem intercultural em classes de Português como língua estrangeira” (“Increasing intercultural awareness in classes of Portuguese as a foreign language”), apresentado para o curso de Mestrado Europeu em Educação Intercultural na Universidade Livre de Berlim, Alemanha. Setembro de 2008. Orientadoras: Dr. Carol Pfaff e Dr. Anjete Dohrn.

Agradecimento: A Prof. Dr. Antje Dohr, por ter me estimulado a permanecer pesquisando este tema.



aulas de língua estrangeira vem ganhando espaço em pesquisas acadêmicas e por interesses e práticas políticas. A preocupação é crescente, por exemplo, entre países da União Européia que elucidam a importância da temática para o entendimento humano global. No caso do Português, uma língua falada oficialmente em oito países e em quatro continentes, os desafios interculturais vão além da formação de alunos estrangeiros na língua-alvo, é necessário também trabalhar com os educadores e os lusófonos nativos.

Por meio de atividades interculturais em sala de aula, os alunos devem aprender também sobre valores e práticas sócio-culturais dos países onde se fala a língua objetivada. Entretanto, observa-se na prática que as aulas de Português tendem a centralizar suas representações somente em dois países lusófonos: Brasil e Portugal; e que por vez, a abordagem intercultural é ainda incipiente. Este trabalho pretende alertar para a propagação de estereótipos negativos na imagem da língua portuguesa e de que forma é possível melhorar o rendimento intercultural em sala de aula.

### **Aulas interculturais: professores e alunos aprendem juntos sobre si**

Para entender como possibilitar a melhoria na conscientização intercultural em classes de Português como língua estrangeira, esta pesquisa analisa a representação do português no mundo atual, sua diversidade e formas de abordar o tema.

Em "Teaching languages for intercultural communication" (Liddicoat, 2005, p. 201) ressalta que aprender uma língua estrangeira é mais que simplesmente aprender itens léxicos em sentenças gramaticalmente corretas; segundo o linguísta australiano, o aprendizado envolve fundamentalmente aprender a comunicar-se com outros na língua alvo e isso requer envolvimento e engajamento com a cultura.

Interculturalidade em classes de português como língua estrangeira deve focar, portanto, na formação de estudantes como porta-vozes interculturais e no aprendizado e desenvolvimento constante de qualidades multiculturais. Os professores, para tanto, desempenham um papel fundamental nesse processo, sendo muitas vezes o primeiro contato de alguns estrangeiros com a cultura lusófona.

Cabe ao professor apresentar uma representação abrangente a seus alunos utilizando como ponto de partida os valores culturais de cada um. Para isso, o professor necessita também ter consciência de sua própria cultura e do que isso representa no universo lusófono. Uma tarefa nem sempre fácil, tendo em vista a dificuldade que os seres humanos têm em reconhecer seus próprios hábitos: "nós somos tão familiarizados com nossa cultura que não percebemos que ela está lá". Segundo Aguilar (2008, p. 62) isso "influencia nossas expectativas quando estabelecemos contato com pessoas que pertencem à outra cultura. Isso se torna mais evidente quando se trata de aprender uma nova língua estrangeira".



Estudantes de Português como língua estrangeira serão influenciados pela sua própria cultura quando foram se expressar em Português, ainda que não estejam conscientes disso. Essa influência cultural na comunicação provavelmente confrontará valores e levará os estudantes a questionarem alguns hábitos culturais dos falantes lusófonos nativos. De forma geral, alunos de língua estrangeira devem estar conscientes das dimensões culturais que influenciam o processo de comunicação. Isso não significa aprender todos os hábitos e nuances da nova cultura, o que de fato seria irreal.

Por vezes a tentativa de apresentar todos os hábitos instiga ao ensino de visões baseadas em estereótipos que podem estimular posteriormente ao preconceito, já que independente do conteúdo das representações do que for dado em sala, nunca será suficiente. Estereótipos podem ser utilizados de forma positiva ou negativa, é necessário, acima de tudo, apresentá-los com conhecimento. Como Nancy Adler (2002, p. 83) apontou "visões negativas de estereótipos podem simplesmente confundir nossa habilidade de entender o real comportamento e dificultar nossa percepção dos nossos próprios estereótipos."

Apesar de não haver consenso quanto à forma ou modelo ideal para lecionar valores interculturais, foram apresentadas cinco atitudes interculturais em relatório ao Conselho da União Européia (*Developing the intercultural dimension in language teaching: a practical introduction for teachers*) (BRITO, 2002, p. 11-13), que visam a estimular este aprendizado, são eles: *savoir être* - atitudes interculturais (curiosidade e desprendimento para aceitar outras culturas e perceber sua própria cultura sob outra perspectiva); *savoir* - conhecimento (procurar entender como funcionam grupos sociais e suas influências, interação social e do indivíduo); *savoir comprendre* - habilidade de interpretar e compreender (habilidade de compreender um evento em outra cultura relacionando com sua própria); *savoir apprendre/faire* - habilidade de descobrir e interagir (aprender sobre as novas culturas, saber como trabalhar suas atitudes em uma situação real); *savoir s'engager* - percepção cultural crítica (habilidade de avaliar criticamente valores e práticas de sua própria cultura e posteriormente de outros lugares).

Há ainda outras formas de despertar nos alunos valores interculturais, porém é fundamental que os professores estejam motivados a atuarem como mediadores, que já não foquem somente na quantidade de conhecimento adquirido, mas no desenvolvimento de novas atitudes, habilidades e percepção crítica em seus estudantes. (AGUILAR, 2008, p. 68)

Ressalta-se ainda que um professor intercultural não é obrigatoriamente um professor nativo na língua lecionada, mas sim alguém que sabe ressaltar as atitudes e os valores associados a língua materna dos seus alunos e da língua aprendida, comparando e discutindo as várias culturas envolvidas.



Os novos falantes da língua portuguesa devem saber que dentre os falantes nativos há diferenças culturais e devem compreender que o mais importante é primeiramente aprender sobre sua própria cultura. Isso facilitará o aprendizado e aceitação de outros padrões culturais: "anos de estudo me convenceram de que o real trabalho não é entender a cultura estrangeira, mas sim entender nossa própria" (HALL, 1990, p. 29). Aulas interculturais auxiliam no processo de auto-aprendizado, aumentam a competência cultural e contribuem para minimizar desentendimentos.

Certamente o programa de ensino deve respeitar as limitações e interesses do grupo lecionado, entretanto, a metodologia utilizada para ensinar e o conteúdo previsto podem ser voltados para a quebra de possíveis estereótipos e visões discriminatórias, além de expandir possíveis idéias sobre determinada cultura.

### **Análise prática: *workshop* e entrevista com professores**

Os resultados da análise partem de observação em *workshop* intercultural, conduzido pela autora na Universidade de Nova de Lisboa, em março de 2008, com seis professores portugueses e a Diretora do curso de Português como língua estrangeira; e avaliações de quatro entrevistas - amostra conveniente - realizadas com professores brasileiros que lecionam em diferentes empresas e escolas em Berlim e com uma professora angolana, que leciona em Luanda.

As experiências dos professores, em consonância com os exemplos citados por eles, possibilitam observar e comparar realidades de quem leciona para universitários, refugiados, empresários, diplomatas, pessoas interessadas em aprender o idioma para turismo, entre outros.

Todos os professores entrevistados para esta pesquisa são falantes nativos. Apesar de a maioria realizar atividades sócio-culturais e de cunho intercultural, nenhum deles jamais havia tido qualquer tipo de treinamento específico para lidar com o tema; o que faz que esse tipo de conhecimento seja transmitido de forma inconsciente e muitas vezes, não planejada.

O cerne dos resultados analisados é a formação atual dos professores. O currículo universitário dos cursos de Licenciatura em Português (para formação de *leitores* - professores de Português nativos de um país lusófono) costuma não abordar interculturalidade e, pode-se afirmar que não preparam os futuros professores para lidar com grupos distintos de alunos, tampouco para representarem os países lusófonos. No caso de professores de Português como língua estrangeira, que não são *leitores*, somos levados a concluir que a compreensão acerca de interculturalidade é ainda mais restrita.

Os professores, de forma geral, tendem a representar o seu próprio país de origem em suas classes, muitas vezes negligenciando os demais países lusófonos e restringindo a expansão de conhecimento aos alunos. Mais além, a diversidade cultural dos países da CPLP - Comunidade



dos Países de Língua Portuguesa - enfrenta ainda dificuldade em definir sua própria identidade que, por conseguinte, influencia na percepção do ensino da língua estrangeira: "Na verdade, não existe consenso na utilização do conceito por parte dos oito países que compõem a chamada 'comunidade lusófona' de expressão oficial portuguesa." (BRITO, 2003, p. 65)

Os professores que participaram da parte prática desta pesquisa reconhecem que o assunto pode e deve ainda ser melhorado e que *workshops* (oficinas interculturais) podem ajudá-los a aperfeiçoar-se. Não somente isso, há sugestão de professores para rever livros e incluir discussões pertinentes a temas específicos.

### **Discussões e Conclusões**

A conclusão do presente trabalho culmina em sugestões para a melhoria de abordagens interculturais em aulas de Português como língua estrangeira, sobre a importância de trabalhar o auto-conhecimento (*savoir être*) dos alunos e professores, bem como abordagens para aumentar a representação dos países lusófonos.

Apesar das variedades da língua portuguesa falada em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste serem mais relacionadas ao Português falado em Portugal, esses países têm valores culturais próprios e uma forma específica de se relacionar com a língua, da mesma forma como Brasil e Portugal.

Os resultados também elucidam que para lidar com os países da CPLP o importante não é somente saber falar português, mas também compreender que a cultura exerce grande influência nos discursos e, preferivelmente, aprender a utilizar valores culturais para melhor se relacionar com os diversos falantes lusófonos.

Aulas enriquecidas interculturalmente ensinam ao aluno a língua e nuances culturais que permitem que ele se relacione também com as diversas camadas culturais nas quais o Português não é necessariamente a língua materna. Este é o caso, por exemplo, de voluntários da Cruz Vermelha que têm no idioma a porta da entrada em Angola, mas que uma vez alocados nas regiões periféricas daquele país, já não utilizam necessariamente o português para se comunicar. Porém, o aprendizado cultural acerca de si e de outras culturas, com foco ainda na cultura local, facilitam a comunicação, adaptação e o entrosamento.

Igualmente relevante, é a percepção da língua portuguesa vista pelos povos lusófonos. Como apontou Brito, a "lusofonia só faz sentido se a concebermos acima das nacionalidades, muito além de qualquer percepção mítica de uma nação, ou de responsabilidade de preservação por parte de outra". (2003, p. 74)

O estímulo para aprender Português do Brasil ou de Portugal dificulta ainda mais para os países lusófonos a construção de uma identidade,

na Alemanha, por exemplo, é comum a oferta de *Brasilianische* ou *Portugiesisch*.

A maioria dos professores entrevistados não se vêem como parte de uma comunidade maior e alguns se sentem incomodados em ter que abranger o conteúdo em sala. Uma professora que leciona para diplomatas alemães em Berlim, disse que só ensina "Português de Portugal" quando é extremamente necessário, mas suas aulas costumam focar somente na cultura brasileira, independente se os diplomatas vão em missão para o Brasil, Angola, Moçambique ou outro país lusófono.

É necessário compreender que a formação identitária está em respeitar as diferenças e valorizar os elementos de cada cultura. Ao focar quase que exclusivamente as classes de Português como língua estrangeira somente no Brasil e Portugal, os novos falantes podem passar a perceber as variantes linguísticas nestes países como superior, estimulando por vez, o preconceito. Quando professores deixam de incluir informações sobre demais países lusófonos, acabam contribuindo para o enfraquecimento da identidade conjunta que a comunidade vem tentando alcançar.

As análises das entrevistas revelam ainda que discussões sobre o processo de colonização que marcam a lusofonia são pertinentes entre os falantes nativos da língua e que trabalhar isso em sala de aula pode contribuir positivamente para um diálogo aberto e sem preconceitos sobre as diferenças existentes.

É importante observar que as pessoas irão continuar aprendendo línguas estrangeiras, mesmo que não haja abordagem intercultural; porém, em um mundo globalizado, tentativas de aproximar as pessoas e melhorar a compreensão devem ser estimuladas.

Aulas de Português como língua estrangeira podem ser utilizadas como meio para auxiliar na consolidação da imagem dos países lusófonos, bem como para estimular respeito entre os seres humanos de forma geral. Espera-se com essa pesquisa, contribuir para o estímulo ao diálogo e debate acerca de questões interculturais no contexto atual.

## Referências bibliográficas

ADLER, Nancy J. **International Dimensions of Organizational Behavior**. Cincinnati, Ohio: South-Western. 2002, 4<sup>th</sup> Ed.

AGUILAR, Maria José Coperías. Dealing with Intercultural Communicative Competence in the Foreign Language Classroom, in: SOLER, Eva Alcón, JORDÀ, Maria Pilar Safont (Editors). **Intercultural Language Use and Language Learning**. Castelló: Springer, 2008. 59 – 78.



BRITO, Regina Helena Pires de, BASTOS, Neusa M. O. B. Dimensão semântica e perspectivas do real: comentários em torno do conceito de lusofonia, in: MARTINS, Moisés de Lemos, et. tal. **Comunicação e lusofonia: para uma abordagem crítica da cultura e dos media**. Lisboa: Campo das Letras, 2006. 65 – 87.

BYRAM, Michael, GRIBKOVA, Bella and STARKEY, Hugh. **Developing the intercultural dimension in language teaching: a practical introduction for teachers**. Language Policy Division, Directorate of School, Out-of-School and Higher Education. Council of Europe, Strasbourg: 2002. <  
[http://www.coe.int/t/dg4/linguistic/Source/Guide\\_dimintercult\\_EN.pdf](http://www.coe.int/t/dg4/linguistic/Source/Guide_dimintercult_EN.pdf)> Last accessed on: 07.08.2008.

HALL, Edward T. **The silent language**. New York: Anchor Books, 1990.

LIDDICOAT, Anthony. Teaching languages for intercultural communication. In: D. Cunningham and A. Hatoss (eds) **An International Perspective on Language Policies, Practices and Proficiencies**. Fédération Internationale des Professeurs de Langues Vivantes (FIPLV): Belgrave, 2005. P. 201 – 214.

Enviado em: 11/12/2008.

Aceito em: 27/02/2009.